






Revista
Educar Mais

Professores surdos no ensino superior: adaptações e reflexões sobre o ensino virtual de Libras

Deaf teachers in higher education: adaptations and reflections on the virtual teaching of Brazilian Sign Language

Docentes surdos en la educación superior: adaptaciones y reflexiones sobre la enseñanza virtual de Lengua Brasileña de Señas

Estêvam Sá¹  • Arilise Moraes de Almeida Lopes²  •
Fernanda Grazielle Aparecida Soares de Castro³ 

RESUMO

Este trabalho visa refletir como acontece a atuação do professor surdo no ensino superior e sua relação ao ensino virtual no que tange à disciplina de Libras. Para desenvolver este trabalho utilizamos uma pesquisa qualitativa, com a aplicação de entrevistas semiestruturadas envolvendo cinco professores de instituições públicas de ensino superior, sendo três instituições federais e duas estaduais. Os dados coletados mostram que, em tempos de pandemia, o ensino precisou se reinventar de maneira remota e ganhou cada vez mais espaço. Os professores surdos que participaram da pesquisa e que têm o canal visual extremamente apurado, conseguem superar os desafios da barreira da língua, disseminando-a. Aos docentes, que utilizam a tecnologia em seus aprendizados no ensino virtual, também é permitida a disseminação cultural e linguística. Assim, o intuito principal de refutar as barreiras comunicativas entre surdos e ouvintes, torna a sociedade mais equânime.

Palavras-chave: Ensino virtual; Professores surdos; Libras.

ABSTRACT

This work aims to reflect on the role of the deaf teacher in higher education and its relationship to virtual teaching with regard to the discipline of Brazilian Sign Language. To develop this work, we used a qualitative research, with the application of semi-structured interviews involving five professors from two public institutions of higher education, three federal and two state. The data collected show that, in times of a pandemic, teaching had to reinvent itself remotely and gained more and more space. The deaf teachers who participated in the research and who have an extremely sharp visual channel manage to overcome the challenges of the language barrier, disseminating it. Teachers, who use technology in their learning in virtual teaching, are also allowed cultural and linguistic dissemination. Thus, the main purpose of refuting the communicative barriers between deaf and hearing people makes society more equitable.

Keywords: Virtual teaching; Deaf teachers; Brazilian Sign Language.

¹ Licenciado em Pedagogia, Pós-graduado em Libras e tradutor/intérprete de Libras no Instituto Federal Fluminense (IFF), Campos dos Goytacazes/RJ – Brasil. E-mail: estevamfarias@yahoo.com.br

² Licenciada em Matemática, Mestra em Tecnologias Educacionais nas Ciências da Saúde, Doutora em Informática na Educação, Professora Permanente do Mestrado Profissional em Ensino e Tecnologias (MPET) e Professora do Instituto Federal Fluminense (IFF), Campos dos Goytacazes/RJ – Brasil. E-mail: ariliselopes@gmail.com

³ Licenciada no Curso Normal Superior e em Letras/Libras, Mestra em Educação e Doutora em Linguística e Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro/RJ – Brasil. E-mail: fernandagas1@gmail.com

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre el papel del docente sordo en la educación superior y su relación con la enseñanza virtual en lo que se refiere a la disciplina de Lengua Brasileña de Señal. Para desarrollar este trabajo, utilizamos una investigación cualitativa, con la aplicación de entrevistas semiestructuradas involucrando a cinco profesores de dos instituciones públicas de educación superior, tres federales y dos estatales. Los datos recogidos muestran que, en tiempos de pandemia, la docencia tuvo que reinventarse a distancia y ganó cada vez más espacio y los docentes sordos que participaron de la investigación y que cuentan con un canal visual extremadamente agudo, son capaces de superar los desafíos de la barrera idiomática. , difundiéndola, convirtiéndose en sus principales difusores y, como docentes, utilizan la tecnología en su accionar en la enseñanza virtual, posibilitando además la difusión cultural y lingüística con el fin principal de refutar las barreras comunicativas, haciendo más equitativa la sociedad.

Palabras clave: Enseñanza virtual; Maestros sordos; Lengua Brasileña de Señales.

1. INTRODUÇÃO

Em tempos de pandemia da COVID-19, o mundo adaptou-se às novas necessidades e no que tange ao âmbito da educação também. As tecnologias digitais na educação ganharam cada vez mais espaços coadunados ao processo de mudanças, adaptações e incertezas.

Entre os professores hoje atuantes no Brasil, encontram-se docentes surdos que integram uma parte da sociedade tendo participação em fatos históricos, como, por exemplo, a educação por meio do oralismo. Esse modo de educação "deve ser entendido como uma das causas fundamentais na produção do holocausto linguístico, cognitivo e cultural que viveram os surdos" (SKLIAR, 1998, p. 11).

Neste trabalho aborda-se a relação do professor surdo que atua com o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras), no ensino superior de maneira remota.

O objeto de pesquisa foca na atuação de cinco professores surdos que lecionam disciplinas focadas nos estudos linguísticos e peculiaridades da Libras. Cada docente atua numa instituição, sendo três federais e duas estaduais.

A formação de professores ocorre tendo como base saberes que podem ser originários de diferentes fontes, podendo ser curriculares, profissionais e até mesmo experienciais (TARDIF, 2002, p. 33). Assim, apresenta-se a seguinte problemática: Como é a relação do professor surdo com o ambiente acadêmico virtual enquanto docente do ensino superior?

A Lei nº 10.436 (BRASIL, 2002), que reconheceu a Libras deixou algumas lacunas, um exemplo, é a obrigatoriedade da disciplina Libras em cursos de formação de professores e Fonoaudiologia.

Estas lacunas foram preenchidas pelo Decreto nº 5.626 (BRASIL, 2005), sendo outra grande conquista para os surdos, pois tratou de diversos temas tais como a forma de promover a formação desses professores.

O decreto também prevê a prioridade para pessoas surdas nos cursos de formação de professores de Libras. Com isso, podem exercer a docência na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, quanto para as séries finais do ensino fundamental, para o ensino médio e para a educação superior (BRASIL, 2005).

Compreender a relação de professores surdos com o ambiente acadêmico virtual elucidada a forma de atuação que se encontrou no cenário educacional no período da pandemia da COVID-19.

Estas reflexões, subsidiam estudos e propostas para mudanças, a fim de promover uma educação para surdos que seja voltada também para as suas características identitárias e culturais. Dessa forma, Saviani (2010) versa que,

[...] professor, como alguém que, de certo modo, apreendeu as relações sociais de forma sintética, é posto na condição de viabilizar essa apreensão por parte dos alunos, realizando a mediação entre o aluno e o conhecimento que se desenvolveu socialmente. (SAVIANI, 2010, p. 23).

A proposta de novas metodologias para a melhoria da formação e a consequente atuação dos professores surdos visam a embasar práticas, que muitas vezes são realizadas de forma intuitiva pela identificação das necessidades dos educandos, tendo como parâmetro experiências pessoais dos educadores surdos.

Maciel (2002), reconhece que as novas modalidades comunicacionais têm, também, como substrato, a potencialidade de interagir com a diferença e a diversidade. De acordo com esses pressupostos, realizar estudos sobre a relação de professores surdos com o ambiente acadêmico virtual, sob a ótica do próprio professor surdo, é relevante.

As reflexões e ações tratadas neste trabalho serão sobre as práticas docentes de professores surdos no contexto educacional brasileiro em ambientes acadêmicos virtuais em tempos de pandemia. Dessa forma, visa contribuir com outros educadores e pesquisadores que buscam realizar maiores estudos sobre a temática em questão. Vislumbra-se ainda, averiguar como acontece a relação com os integrantes do ambiente acadêmico virtual e refletir sobre conquista do seu espaço como docente do ensino superior.

2. UM BREVE RELATO SOBRE A HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES SURDOS

Existe um grupo de profissionais docentes em atuação que possuem características específicas no campo linguístico, histórico e cultural, que são os surdos; sua formação passa por estas mesmas etapas, considerando a formação do sujeito e a utilização de suas experiências pessoais para melhoria contínua da sua atuação e reflexão sobre as melhores práticas. Neste sentido Perlin (2006), reconhece que a pedagogia surda⁴ propõe o resgate e protagonismo do sujeito surdo, mostrando suas capacidades e interesses por uma melhoria na qualidade do ensino oferecido a eles em sua completude.

Como exposto por Berthier (1984), antes de L'Épée, que foi um educador filantrópico francês do século XVIII e que ficou conhecido como "Pai dos surdos", não havia valorização da educação de surdos utilizando, o que até o momento não era denominado como língua de sinais.

A partir de então, com o uso dessa língua, surgiu a possibilidade dos surdos usuários da língua de sinais também atuarem como professores após a sua formação no Instituto para Jovens Surdos e

⁴ A Pedagogia visual é tratada por Campello (2019) em sua tese de doutorado como o meio utilizado com foco na visualidade como processo de ensino-aprendizagem do sujeito surdo. A autora entende que o ato de "ver" ou de "olhar" o mundo necessita de uma mediação semiótica. Com isso, gera uma interação entre a propriedade suprida pelo signo e pela natureza do sujeito que olha ou observa.

Mudos de Paris. Berthier é exemplo de professor surdo e, como Nascimento (2006) aponta, era considerado um dos melhores alunos do Instituto:

Ferdinand Berthier era surdo congênito e nasceu em 1803 na cidade de Louhans, na França. Foi considerado por Laurent Clerc, professor também surdo, o mais brilhante aluno do Instituto para Surdos de Paris. Berthier entrou para o Instituto aos 8 anos, onde formou-se, e trabalhou, posteriormente, como professor. Foi também uma figura importante na comunidade literária de seu tempo. (NASCIMENTO, 2006, p. 255).

Por sua grande notoriedade em seu tempo, pode ser considerado um modelo de professor surdo, que reconhecia a importância do uso da língua de sinais e que reconhecia que era um verdadeiro idioma, como ele mesmo afirma:

Ela tem tudo que é necessário para representar todas as ideias que povoam a mente e todos os sentimentos que provocam o coração. Em resumo, ela sozinha combina a simplicidade e a universalidade da matemática, a mais perfeita de todas as ciências, com seus dez numerais. (BERTHIER, 1984, p. 175).

O reconhecimento dos sinais como língua, como um idioma, começa a favorecer a profissionalização dos professores surdos, possibilitando que o uso da língua de sinais seja o meio pelo qual esses profissionais possam instruir, não apenas outros surdos, mas também aqueles que têm interesse em aprender a língua de sinais e outros temas pertinentes à educação de surdos e especificidades da língua. O professor surdo desenvolve sua identidade docente levando em consideração o uso e a difusão desse idioma. Sá (1999) ressalta que o reconhecimento e a difusão da língua de sinais são de suma importância para o desenvolvimento e o crescimento da quantidade de professores surdos, sendo que eles se sentem valorizados por sua especificidade linguística e, por isso, sua profissionalização e sua prática docente ocorrem com mais eficácia.

Na década de 1960, os estudos de Willian Stokoe, também representaram um grande avanço nos estudos linguísticos das línguas de sinais, em que se deu início às pesquisas pelo mundo sobre as línguas de sinais, provando o seu estatuto de língua, como Quadros e Karnopp (2004) apontam:

Naturalmente que o trabalho de Stokoe (1960) representou o primeiro passo em relação aos estudos das línguas de sinais. Pesquisas posteriores, feitas em grande parte com a língua de sinais americana mostraram, entre outras coisas, a riqueza de esquemas e combinações possíveis entre os elementos formais que servem para ampliar consideravelmente o vocabulário básico. (QUADROS, KARNOPP, 2004, p. 31).

Em 1857, a educação de surdos teve início no Brasil, com a fundação do Imperial Instituto de Surdos-Mudos, hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) com a chegada do professor surdo francês Eduard Huet. Para Quadros (2004), isso mostra que o processo de ensino por meio da língua de sinais na França gerou resultados, fazendo com que os professores formados emigrassem para outros países e levassem a possibilidade de profissionalização do surdo para atuar como docente.

Como Miorando (2006, p. 82) explica sobre professores surdos, "o que eles fazem não é diferente do que os professores ouvintes fazem, mas o como eles fazem é que aponta o diferencial". Com a entrada dos surdos na educação e tomando para si a responsabilidade de ensino, a formação desses indivíduos como professores deve levar em consideração a sua especificidade linguística, já que a língua de sinais passa a ser considerada como forma de comunicação natural do surdo.

Na mesma linha de pensamento, Martins (2009) expõe a importância de sempre se levar em conta a especificidade e as peculiaridades dos surdos no seu processo de formação docente, uma vez que

enquanto sujeito o surdo tem sua postura, jeito de ensinar, modo de ver o mundo, ideias e constituição profissional que terão efeito na sua atuação profissional.

A princípio, a atuação de professores surdos se dava sem uma base pedagógica, ocorrendo uma introdução desses profissionais sem uma capacitação apropriada. Mesmo assim, não significa dizer que não possuíam conhecimentos empíricos que já eram aplicados e testados muitas vezes durante a sua prática como instrutor surdo.

Durante essa prática de ensino por meio da língua de sinais, uma das funções mais importantes, conforme Santos e Gurgel (2014) preconizam é,

[...] promover o desenvolvimento de processos cognitivos do aluno surdo, facilitando a comunicação destes junto a seus outros colegas e permitindo que ele divida também suas alegrias, preocupações e dúvidas dentro da sala de aula. (SANTOS; GURGEL, 2014, P. 53).

Com isso, passa a ser mais valorizado o saber experiencial, que Tardif (2002) descreve como sendo os saberes resultantes do próprio exercício da atividade de professor. Assim são incorporados "à experiência individual e coletiva sob a forma de habitus e de habilidades, de saber-fazer e de saber ser." (TARDIF, 2002, p. 38).

Esses saberes são criados pela vivência de situações específicas que têm relação com o espaço escolar, na relação com outros professores e com alunos.

Continuando a entender o processo de formação e atuação dos professores surdos, tendo como ponto de partida, a sua atuação como instrutores (eles recebiam esta nomenclatura, pois só por serem surdos, pensava-se que poderiam estar assumindo turmas e ensinar). Inicia-se a busca pela formação acadêmica desses professores surdos e, como principal contribuição após a sua formação, a identificação dos alunos surdos com esses profissionais que compartilham sua cultura, disponibilizando não apenas os conteúdos curriculares, mas também a participação na formação dos indivíduos.

No início de sua formação, a construção da identidade docente dos surdos passa pelos mesmos processos que os ouvintes que se formam professores, o que muda, na verdade, será a forma como ele desempenhará sua prática docente, haja vista sua especificidade linguística, que é sinalizada. Reis (2007) explica essa atuação e esse processo de identificação por parte dos alunos que têm professores surdos atuantes em nível superior.

A formação para os professores surdos faz parte do processo de empoderamento dos surdos como profissionais da educação, como formadores de outros sujeitos surdos e também de fazer parte da formação de outros professores ouvintes, quando estes atuam nos cursos de licenciatura.

Albres (2014, p. 50) diz que "ser professor de língua de sinais está vinculado ao espaço de poder dizer-se professor. Um curso de formação sempre se constitui vinculado a uma intenção pedagógica, formativa do humano." logo, ao buscarem e concluírem a formação acadêmica, a próxima etapa é que após a instituição formar professores ouvintes e surdos, os mesmos atuem em salas de aula no ensino superior, ministrando a disciplina de Libras, que entre os alunos também poderão ser encontrados surdos e ouvintes.

Assim, por suas percepções e peculiaridades, uma das responsabilidades dos professores surdos é a difusão de seus saberes culturais. Os professores pesquisados apresentam essa característica de

buscar o crescimento e demonstram a consciência de uma formação e assumem o ônus pelo seu desenvolvimento profissional e pessoal, atuando como difusores da Libras em ambientes acadêmicos.

3. A CONQUISTA DO ESPAÇO SURDO E A ATUAÇÃO NO ENSINO VIRTUAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Com a chegada dos professores surdos para o ensino de Libras nas instituições de ensino superior, Vieira-Machado e Mattos (2019) reconhecem que a maioria dos professores que atuavam no ensino envolvendo pessoas surdas era ouvinte. Com o tempo, essa situação passa a englobar os professores surdos, por terem domínio, vivência e participação na educação em que estão inseridos.

No que tange à conquista da presença de docentes surdos no espaço acadêmico como professores de Libras, verifica-se uma mudança neste pensamento, que conforme Thoma e Lopes (2006), significa que a educação de surdos tem sido pensada, no decorrer da história, por educadores ouvintes.

Com o sancionamento do Decreto nº 5.626/2005 e da entrada do professor surdo no quadro de docentes das instituições de ensino superior, é preciso atentar para o que Nóvoa (1991) já chamava a atenção. O autor versa sobre a urgência de espaço de interações entre o pessoal e o profissional, a fim de possibilitar o processo de formação tanto continuada como para o trabalho dos professores e essas práticas devem levar em consideração e como referência as dimensões coletivas e identitárias. Ainda sobre a presença nesse espaço e sobre a conquista, há a necessidade de um trabalho coletivo, para que a sua presença seja participativa.

Nesse sentido, Godoi, Lima e Andrade (2016), versam que é possível integrar pessoas surdas à esfera da educação, mas muito ainda precisa ser avançado. O importante é saber reconhecer que todos são seres humanos com individualidades, que as diferenças existem e devem ser respeitadas em sua totalidade sem distinções ou julgamentos pré-existentes. Neste viés, Castro (2016) entende que os professores têm como constituição profissional a necessidade de uma afirmação de sua capacidade pessoal, ao ter acesso aos diversos ambientes de ensino. Entre esses ambientes, o ensino virtual, não seria diferente no que diz respeito ao objetivo principal de difundir conhecimentos.

A presença do professor surdo no ensino virtual deve ser levada em consideração não apenas pelo ponto de vista dos ouvintes terem acesso à Libras com um "nativo" do idioma, mas também pela presença de um indivíduo diferente, com uma identidade e uma cultura diferente da maioria presente nesse espaço, mas que nem por isso deve ser deixado de lado ou inferiorizado. (SILVA; SANTOS; VIEIRA JÚNIOR, 2021).

Assim, por suas percepções e peculiaridades, uma das responsabilidades dos professores surdos é o compartilhamento de seus saberes culturais e experiências. Vieira-Machado e Mattos (2019) discorrem que pessoas surdas que atuam como docentes, já internalizaram sua cultura e, de modo natural, veem na surdez um potencial para a construção de subjetividades que ganham forma nas interações entre surdos e surdos e entre surdos e ouvintes.

4. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada visando compreender, conforme argumentado por Minayo (2001), os motivos, as aspirações, as crenças, os valores e as atitudes, algo mais profundo no que tange às relações entre

as pessoas, aos processos e aos fenômenos que não podem ser simplificados em variáveis e estatísticas, sendo escolhida uma abordagem qualitativa. Neste sentido Malheiros (2011, p.31) explica que essa abordagem tenta “compreender os fenômenos pela ótica do sujeito” coadunando com as intenções da pesquisa, Chizzotti (2009) ao pensar a abordagem qualitativa partindo da premissa de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito e, assim, intenta-se investigar a atuação de quatro professores surdos que atuam no ensino superior de instituições públicas federais e estadual com o ensino da Libras.

As instituições escolhidas para a realização da pesquisa contam com professores surdos no seu corpo docente, atuando em cursos de licenciaturas, na formação de outros futuros professores surdos e ouvintes, o que significa uma difusão acerca da reflexão sobre a formação de professores e muitas vezes até mesmo repensando sua própria formação e prática docente.

Foram selecionados cinco professores, sendo três do sexo masculino e duas do sexo feminino, que estavam dentro do perfil determinado para a pesquisa, que era lecionar a disciplina Libras de forma virtual em tempos de pandemia e que tivessem disponibilidade de participar das entrevistas no período do estudo (primeiro semestre de 2021, tendo 2020 como ano de referência) e do questionário que seria aplicado. Foi requisito principal para o objeto de estudo, docentes surdos atuantes no ensino superior de instituições públicas no âmbito federal e estadual.

Estas instituições foram escolhidas justamente por contarem com professores surdos que lecionam disciplinas relacionadas à Libras em diferentes estados e em contextos diferentes.

As entrevistas foram realizadas por um dos pesquisadores, que é fluente em Libras, e aconteceram por meio de vídeo conferência pelo Instagram. Também houve a tradução da Libras para o português escrito pelo próprio pesquisador.

Foi elaborado um questionário escrito em português, composto por perguntas abertas e fechadas num total de nove perguntas, que foram importantes para o entendimento das percepções docentes em relação ao ensino virtual de Libras. Este procedimento de coleta e análise de dados foi utilizado a fim de levantar características de determinada população (GIL, 2008).

Posteriormente, como salientam Quivy e Campenhoudt (1995), foi feita uma entrevista semiestruturada em Libras, feita por um dos pesquisadores que é fluente na língua. Os pesquisadores elaboraram uma série de perguntas, que puderam ser reformuladas ou alteradas, a fim de favorecer respostas mais naturais dos entrevistados.

Agregando este pensamento, Vieira-Machado e Mattos (2019), discorrem que a técnica da entrevista semiestruturada é um dos principais meios para a coleta de dados na pesquisa qualitativa, pois valendo-se de perguntas estabelecidas num roteiro previamente elaborado e flexível que aborda um assunto do interesse de uma pesquisa objetivando elucidar seu objeto.

Para a realização das entrevistas em Libras, foi utilizado a videoconferência do Instagram para saber detalhes sobre as aulas e as percepções dos professores.

Estas instituições localizadas nas cidades do Rio de Janeiro (RJ), Campos dos Goytacazes (RJ), São Carlos (SP), Florianópolis (SC) e Candeias (BA). Foram escolhidas justamente por contarem com professores surdos que lecionam disciplinas relacionadas à Libras em diferentes estados e em contextos diferentes.

Todos os cinco professores surdos lecionam disciplinas que envolvem ensino e as peculiaridades da Libras (sinais, estrutura gramatical e história) mas que sua nomenclatura se diferencia no que tange ao registro do componente curricular adotados pelas universidades.

Os professores serão nomeados por siglas, por exemplo, "PUF", para tratar de Professores de Universidades Federais e "PUE" para se referir a Professores de Universidades Estaduais, precedidas de números de 1 a 3. A PUF1, por exemplo, está à frente dos componentes curriculares "Libras I" e "Sintaxe da Libras". O PUF2, leciona "LIBRAS I, III, IV e VI". O PUE1, UE2 e PUF3 lecionam as disciplinas intituladas "Libras".

Vale ressaltar que o público dos cinco professores surdos, desta pesquisa em questão, são alunos de cursos de licenciaturas que têm o componente Libras como disciplina obrigatória, em virtude do Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que previu mais esta conquista para a comunidade surda.

A didática adotada por todos os professores surdos entrevistados que ministraram suas aulas em ambiente virtual, foi a aula expositiva dialogada, explorando ao máximo o canal visual, sendo que a Libras é uma língua visuoespacial e precisa do canal visual ativado, além de externarem suas próprias experiências coadunadas a materiais sob a forma de textos que conduzem à reflexão sobre a cultura surda, peculiaridades da língua e a inclusão de surdos.

5. RESULTADOS

O questionário, foi respondido pelos cinco professores selecionados entre os dias 01 e 05 de março de 2021, sendo 2020 o ano de referência; período em que o mundo reinventou suas atividades em virtude da pandemia do novo Coronavírus (COVID-19) e os profissionais da educação também tiveram suas aulas adaptadas, sendo ministradas de forma online, utilizando ambientes virtuais de aprendizagem e afins.

Com a devolutiva dos questionários, as perguntas para as entrevistas em Libras foram elaboradas e aplicadas. Com todo o material coletado (respostas dos questionários e gravações em vídeo), foi possível relacionar as respostas com os embasamentos teóricos e fazer a análise de conteúdo. No caso deste trabalho, foi utilizada a análise proposta por Bardin (2016).

Análise de conteúdo é um conjunto de técnicas utilizadas com objetivo de conseguir, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos, a descrição do conteúdo das mensagens, perceber indicadores que permitiram produção de conhecimento relacionados com as mensagens presentes durante as entrevistas (BARDIN, 2016).

Para Bardin (2016), a pré-análise é a fase em que se organizam os dados, faz-se uma leitura flutuante, formula-se objetivos, prepara-se o material recebido e elaboram-se indicadores. Assim, iniciou-se uma leitura analisando os diálogos registrados nas entrevistas, que foram gravadas.

Feita a leitura, deu-se sequência à elaboração de indicadores, aqui descritos como trechos das falas que permitem uma interpretação final. Assim, devido a um grande volume de vídeo, optou-se por trazer extratos das falas. A partir dos extratos das falas selecionados foi possível criar categorias, fase esta, de agrupamento dos dados de acordo com as categorias identificadas na fase anterior, para futura interpretação dos dados de acordo com a análise de Bardin (2016).

O questionário, foi respondido pelos cinco professores selecionados entre os dias 01 e 05 de março de 2021, sendo 2020 o ano de referência; período em que o mundo reinventou suas atividades em virtude da pandemia do novo Coronavírus (COVID-19) e os profissionais da educação também tiveram suas aulas adaptadas, sendo ministradas de forma on-line, utilizando ambientes virtuais de aprendizagem e afins.

As respostas do questionário foram analisadas. Foram feitas nove perguntas abertas e fechadas. Primeiramente, foi perguntado aos professores se foi possível ensinar Libras de forma virtual durante a pandemia. Dentre as opções Sim, Não, Em parte e Outra, com espaço para esclarecimentos, todos os cinco professores surdos convergiram e marcaram a opção Sim no sentido de que foi possível ministrar a disciplina de maneira remota.

A segunda pergunta, feita de modo aberto, foi *quais ambientes virtuais de aprendizagem você utilizou?* Todos os professores responderam terem utilizado o Google Classroom como ambiente virtual de aprendizagem de modo a disponibilizar os materiais visuais e textos selecionados. A terceira pergunta, que possibilitou também respostas abertas, procurou investigar *quais ferramentas de videoconferência foram utilizadas*, a PUF1 utilizou o Google Meet e o Zoom para ensinar e expor suas experiências, o PUF2 utilizou a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), o PUF3 utilizou o Google Meet, o PUE1 utilizou o Google Meet e a PUE2 utilizou o Google Meet e o Zoom também.

A quarta pergunta versou em torno do que tange à *clareza dos sinais*. Foi perguntado se *Os alunos conseguiram ver e entender os sinais corretamente?* todos professores convergiram e marcaram a opção *Sim*. A quinta pergunta averiguou se *os alunos conseguiram executar os sinais corretamente?* Dentre as opções *Sim, Não, Em parte e Outra*, todos também convergiram que *sim*. A Libras é uma língua e a interação é necessária, ao perguntar *quanto à interação, os alunos participaram ativamente das aulas com feedback satisfatório?* Dentre as opções *Sim, Não, Em parte e Outra*, todos também convergiram que *sim*. Quando perguntados na questão sete: *Quanto à duração das aulas, o tempo permaneceu o mesmo?* Dentre as opções *Sim, se manteve igual e Não, houve alteração*, todos também convergiram que *Sim*. Todos convergiram e marcaram a opção que o tempo da aula *se manteve igual*. Na questão oito foi questionado se *houve dificuldades durante as aulas online?* Dentre as opções *Sim, Não, Em parte e Outra*, os PUF1, PUF2, PUF3 responderam que *im* e PUE1 e PUE2 responderam que *Não*.

Como última indagação, foi perguntado *se a tecnologia colaborou para o exercício da profissão durante a pandemia* e todos responderam que *Sim*.

Com as respostas do questionário, foi percebida a necessidade de entrevistas semiestruturadas em Libras de forma individual, a fim de permitir que os professores expusessem suas percepções neste período. Para isso foram elaboradas quatro perguntas a fim de levantar estes dados e relacioná-los com os embasamentos teóricos.

Em entrevista realizada por vídeo chamada em Libras, como primeira indagação, foi perguntado *quais os problemas e dificuldades identificados durante a atuação docente nas aulas?*

Após, será feita a exploração do material, que consiste em fazer um recorte do texto em unidades de registros, com o agrupamento dos dados de acordo com as categorias identificadas na etapa anterior. Para finalizar, será feito um tratamento dos resultados, procedendo a interpretação dos dados, por meio das diversas categorias identificadas em cada análise como mostra o quadro 1.

Quadro 1: Categorias e extratos das falas identificados na pergunta 1

Categorias	Extrato comuns das falas
1. Internet ruim.	<p>PUF1: Usava a videoconferência o <i>Zoom Meetings</i> e sempre a internet travava, então mudei para o <i>Google Meet</i>.</p> <p>PUF2: Diversas vezes a aula demorava para começar pois a internet travava, e no meio da aula também acontecia de travar a internet.</p> <p>PUF3: (...) a internet travava e eu precisava fazer o mesmo sinal repetidas vezes.</p>
2. Tempo máximo permitido.	<p>PUF1: Como eu utilizava o <i>Zoom Meetings</i> gratuito, fechava a sala em 40 minutos.</p> <p>PUF3: Com o envolvimento da aula e a interação dos alunos acontecendo, após 40 minutos de aula o Zoom fechava automaticamente, e assim, perdia um pouco o ritmo da aula.</p>
3. Impasse da timidez- câmeras fechadas	<p>PUF1: Procurava interagir com os alunos por meio da câmera, olhar, perceber as dúvidas nas expressões. Para isso, as câmeras precisavam estar abertas.</p> <p>PUF2: (...) Quando percebia que alguns alunos estavam tímidos com a câmera fechada, pedia para ligar.</p> <p>PUF3: (...) Como as aulas eram on-line e Libras é uma língua visual, não cabia câmera fechada. Não cabe vergonha em seu aprendizado.</p> <p>PUE1: (...) alunos tinham vergonha, mas era necessário abrir a câmera para a interação e aprendizado.</p> <p>PUE2: (...) sempre pedia para abrir a câmera pois a Libras é visual.</p>
4. Dificuldades ao compartilhar a tela.	<p>PUF3: Ao compartilhar a tela para expor slides, muitas vezes, não conseguia, atrasando a dinâmica da aula.</p> <p>PUE1: No momento de compartilhar a tela, a minha imagem ficava menor, então os alunos precisavam se esforçar para ver os sinais ao mesmo tempo em que viam o que eu compartilhava.</p> <p>PUE2: Quando compartilhava a tela, minha imagem ficava menor. Para que os alunos não perdessem informações, dava um tempo para que pudessem ler e depois eu explicava.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Consonante às repostas dos cinco professores entrevistados, observando as categorias identificadas na primeira pergunta da entrevista, é possível perceber o que discorrem, Souza e Oliveira (2020) ao reconhecerem diferentes experiências significativas vivenciadas, e em suma, afirmam que por meio da tecnologia o “educador pode desenvolver e acompanhar o conhecimento dos alunos, bem como fortalecer laços afetivos e harmoniosos no ambiente on-line.” (SOUZA; OLIVEIRA, 2020, p. 120).

Sendo a Libras uma língua de apelo visual, na entrevista realizada em Libras, foi indagado *como era a atuação docente no sentido de solucionar as dúvidas por parte dos discentes?* O quadro 2 expõe as categorias e extratos comuns das falas identificados.

Quadro 2: Categorias e extratos das falas identificados na pergunta 2.

Categorias	Extrato comuns das falas
1. Câmera	<p>PUF1: Eu tirava as dúvidas dos alunos pela própria câmera, explorando ao máximo o que exige a Libras, o apelo visual sinalizado.</p> <p>PUF2: As dúvidas dos meus alunos eram resolvidas por meio da câmera, eu acho que foi o melhor, pois o "olho no olho" me dizia se tinham compreendido a explicação.</p>
2. Chat do <i>Google Meet</i>	<p>PUE1: Solucionava as dúvidas dos alunos pelo próprio chat do Google Meet, esclarecendo, por exemplo configuração de mão e localização do sinal.</p> <p>PUE2: Quando havia dúvidas, eu lia pelo chat do Google Meet e, ao final da aula, eu esclarecia as dúvidas pelo próprio chat. Em seguida pedia para os alunos fazerem os sinais(...).</p> <p>PUF3: Tirava as dúvidas pelo chat do Google Meet, pois se alguém não entendesse algum sinal, a soletração da palavra, ou precisasse sair, quando voltasse, a resposta ainda estaria lá e poderia acompanhar.</p>

Fonte: Elaboração própria.

No que tange à avaliação, foi perguntado *como foram elaborados os critérios de avaliação?*

Quadro 3: Categorias e extratos das falas identificados na pergunta 3.

Categorias	Extrato comuns das falas
1. Observação.	<p>PUF1: Nas aula on-line utilizei muito a observação dos alunos para perceber como interagem e como desempenhavam os sinais pedidos.</p> <p>PUF2: Eu estava atento aos alunos e observava a participação, interesse e como sinalizavam.</p> <p>PUE2: A cada aula, por meio da observação, eu via a sinalização dos alunos, por meio da interação eu ia obtendo respostas deles (...).</p>
2. Identificação de sinais.	<p>PUE1: Disponibilizei materiais sinalizados em vídeo com legenda para que os alunos assistissem e identificassem sinais trabalhados em aula.</p> <p>PUF3: Utilizei vídeos com sinais para que os alunos pudessem identificar, e outros que tratavam da cultura e identidade surda pois muitos desconheciam.</p>
3. Proposição de debates	<p>PUF1: Separava uma parte da aula para debater sobre os textos os quais eu pedia a leitura. Nestes momentos o chat do Google Meet tinha muitas mensagens.</p> <p>PUF2: Eu utilizei os debates para difundir a cultura surda. Eu lançava uma pergunta sobre minha vivência e os alunos opinavam e surtiam muitas reflexões.</p> <p>PUF3: (...) Eu também alimentei o Google Meet com textos interessantes sobre a surdez e a Libras e, na aula, eu estimulava debates.</p> <p>PUE1: Sempre nas aulas surgiam debates, seja da dúvida de algum aluno, ou promovido por mim. Sempre foram bem enriquecedores.</p> <p>PUE2: A participação na aula, respondendo às perguntas que fazia, a participação nos debates, a sinalização. Tudo era percebido para avaliar o aluno de forma on-line.</p>

Fonte: Elaboração própria.

No que tange ao ensino de Libras em ambiente virtual, as respostas dos surdos foram no sentido de que a avaliação e a identificação de sinais não devem ser refutados, pensamento que converge com Rêgo *et. al.* (2021), ao versarem que a Libras, sendo visual, é necessária a observação e a elementar da sua compreensão é o reconhecimento dos sinais, que fará com que um diálogo seja estabelecido entre professores e alunos, contempando assim, as categorias 1 (observação) e 2 (identificação de sinais).

Os extratos de falas identificados na categoria 3 (proposição de debates), coadunam com o que pensam Filietaz e Oliveira (2019), pois ao ter a disciplina Libras como componente curricular das licenciaturas, afirma o seu objetivo, que é, além de ensinar sinais, é debater essas políticas públicas que envolvem os surdos desde a escola, perpassando em todos os meios sociais, sendo de suma importância os debates acerca do respeito e o valor às diferenças.

Ao serem perguntados sobre *como a tecnologia auxiliou no desenvolvimento do seu trabalho e atuação docente?*

Quadro 4: Categorias e extratos das falas identificados na pergunta 4

Categorias	Extrato comuns das falas
1. Continuidade do trabalho	PUF2: A tecnologia permitiu a continuidade do trabalho e a disseminação da Libras no período de pandemia (...). PUE1: A internet e a tecnologia possibilitaram a continuação do trabalho, após momentos de adaptação e reestruturação da prática docente (...)
2. Reinvenção da prática pedagógica	PUF1: A experiência remota foi muito importante para a reinvenção das práticas pedagógicas (...). PUE2: (...) Foi enriquecedor a necessidade de reinventar a prática pedagógica e as estratégias e metodologias utilizadas on-line, poderão ser utilizadas no retorno presencial. PUF3: Procurei tutoriais pois foi necessário aprender a explorar as ferramentas e recursos do <i>Google Meet</i> , que foi o AVA escolhido pela Universidade com o intuito de reinventar a prática pedagógica.

Fonte: Elaboração própria.

A primeira categoria extraída (continuidade do trabalho) foi identificada pelos docentes surdos e foi uma maneira de ressaltar a importância da tecnologia para a continuidade do trabalho e disseminação da Libras. Neste viés Castioni *et. al.* (2021), discorrem que o ensino remoto iniciou-se em caráter emergencial, sem preparação ou planejamentos anteriores, mas as universidades públicas se preocuparam em proporcionar meios de continuação do trabalho educacional, mobilizando seus profissionais, sugerindo possibilidades de ensino, por meio de ambientes virtuais de aprendizagem, que poderão, também, ser utilizados no ensino pós-pandemia.

A segunda categoria (reinvenção da prática pedagógica) foi percebida pois em virtude das mudanças que foram necessárias com o ensino virtual, dissociar as ferramentas que foram inseridas na prática pedagógica dos professores, e conseqüentemente, na vida dos alunos, seria um retrocesso. Como salientam Lorenzson, Souza e Mata (2020), o ideal é aproveitar as práticas pedagógicas reinventadas e potencializá-las e adaptá-las para a vivência do ensino presencial, pensando não somente no ensino limitado ao espaço físico, mas pensando também em diferentes espaços e momentos para promover o aprendizado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como é a atuação do professor surdo no ensino virtual enquanto docente do ensino superior? Neste trabalho foi possível verificar a atuação de professores surdos que lecionaram disciplinas referentes à Libras no ensino superior de forma online, durante o ano de 2020, e suas relações com o ambiente acadêmico virtual.

A partir da análise dos questionários, todos os cinco professores surdos convergiram no sentido de que o ambiente acadêmico virtual foi necessário para a continuidade das atividades educacionais como professores em tempos de pandemia.

Mesmo valendo-se do ensino virtual, os docentes surdos conseguiram desempenhar seu papel de ensinar a Libras, pois, sendo uma língua visuoespacial e que precisa do canal visual ativado, além de externarem suas próprias experiências coadunadas a materiais sob a forma de textos que conduzem à reflexão sobre a cultura surda, peculiaridades da língua e a inclusão de surdos, ensinavam sinais da Libras.

Foi percebido que os professores surdos, participantes desta pesquisa, apresentaram perfis que se adaptaram às necessidades educacionais, interacionais e metodológicas que o momento pandêmico requereu, como docentes usuários da Libras no ensino superior contribuindo ainda mais para a difusão da língua, identidades e cultura surda mostrando e compartilhando suas experiências.

Com base nas entrevistas, os professores surdos expuseram que a relação professor e discentes utilizando o ensino virtual teve grandes transformações, que refutando as intempéries que a internet pode ocasionar no momento síncrono das aulas, como câmeras travadas, entre outras, foi possível mostrar que os docentes surdos conseguiram dar continuidade ao ensino da Libras frente às disciplinas que lecionaram no período da pandemia.

Além disso, foi notado que os professores surdos que participaram desta pesquisa, convergiram no sentido de que é possível ensinar as disciplinas que envolvem a Libras de maneira virtual utilizando ferramentas de videoconferência voltadas para a aprendizagem, pois os alunos conseguiam perceber os sinais e interagir ativamente nas aulas e o ambiente virtual de aprendizagem propiciou compartilhar materiais sob a forma de texto e vídeos para embasar o aprendizado e, no momento síncrono, por meio de debates, os alunos emitiam opiniões no chat acerca da Libras e inclusão do surdo na sociedade e também aprendiam o vocabulário para difusão da língua por meio do ensino de sinais.

Segundo relatos dos professores participantes das entrevistas, foi possível perceber o aprendizado por meio da interação e participação dos alunos ao desempenharem os sinais nas atividades propostas pelos docentes surdos.

Contudo, ainda se faz necessária a execução de mais trabalhos que explorem a formação do professor surdo e sua atuação em diversos ambientes. É esperado que esta pesquisa contribua para a reflexão de que os professores surdos têm potencialidades importantes no ambiente acadêmico; e que, em tempos de pandemia, as preparações para interagir de modo síncrono e os recursos em vídeos, utilizados por todos, para fomentar a utilização do ambiente acadêmico virtual, conseguem favorecer tanto o ensino da Libras quanto a valorização dos docentes surdos que atuam em instituições de ensino superior.

7. REFERÊNCIAS

- ALBRES, N.A. **Relações dialógicas entre professores surdos sobre o ensino de Libras**. Tese (Doutorado em Educação Especial). Universidade Federal de São Carlos, 2014.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.
- BERTHIER, F. **Les Sourdes-muets avant et depuis l'abbé de l'Épée**. In: LANE, H. E PHILIP, F. *The deaf experience: classics in language and education*, tradução do original francês para o inglês de Philip, F. Cambridge, Massachusetts e London: Harvard University Press, 1984.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005.
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Publicado no DOU de 25.4.2002.
- CAMPELLO, A. R. S. Pedagogia Visual na Educação dos Surdos-mudos. **Revista Espaço**, p. 259-260, 2019.
- CASTIONI, R. et. al. Universidades federais na pandemia da Covid-19: acesso discente à internet e ensino remoto emergencial. **Ensaio: Avaliação e políticas públicas em educação**, Rio de Janeiro, v. 29, p. 399-419, 2021.
- CASTRO, F. G. A. S. **A formação docente e a constituição do professor surdo que atua com a Libras no ensino superior**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica, Belo Horizonte, 2016.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- FILIETAZ, M. R. P.; OLIVEIRA, O. S. Condições de trabalho e protagonismo do docente surdo no ensino superior: Contribuições da Libras para o desenvolvimento profissional. In: Educação no Século XXI- Inclusão, Especial, Diversidade, Belo Horizonte, **Poison**, v. 33, p. 44-51, 2019.
- GODOI, E.; LIMA, M. D.; ANDRADE, V. A. B. **Língua brasileira de sinais – Libras: A formação continuada de Professores**. Coleção: Educação especial e inclusão escolar: Políticas, saberes e prática. Volume 3, 2016.
- LORENZZON, M. R; SANTANA, M. P. S.; MATA, R. P. C. Espaço de aula arraigado de desafios em tempo de pandemia. **Seminário de Formação do Cefapro**, v. 2, n. 1, p. 317-324, 2020.
- MALHEIROS, B. T. **Metodologia de pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- MARTINS, V. R. O. **Escola, saberes e produções discursivas: a diferença como possibilidade de singularidade**. Cadernos da pedagogia (UFSCar. Online), v. 3, p. 2-17, 2009.
- MIORANDO, T. M. Formação de profissionais: mais professores para a escola sonhada. In: QUADROS, Ronice Müller de (org.). **Estudos surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.
- MACIEL, I. M. **Educação à distância. Ambientes Virtuais: construindo significados**. Boletim Técnico do Senac, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p. 39-45, set./ dez. 2002
- MINAYO, M. C. S. Ciência, Técnica e Arte: O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NASCIMENTO, L. C. R. **Um pouco mais da história da educação dos surdos, segundo Ferdinand Ferthier**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7,n.2, p.255-265, jun. 2006.

- NÓVOA, A. Concepções e práticas de formação contínua de professores. *In: Formação contínua de professores: realidades e perspectivas*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991, pp. 15-38.
- PERLIN, G. Surdos Cultura e Pedagogia. *In: THOMA, A. S.; LOPES, M. C. (Orgs). A invenção da Surdez II: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.
- QUADROS, R. M. Gramática da língua de sinais brasileira. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 16, 2004.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudoslinguísticos*. Porto Alegre, Artmed, 2004.
- QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva, 1995.
- RÊGO, K. K. *et al.* Educação em formato remoto: estratégias de ensino utilizadas por professores surdos da UEPB. *e-Mosaicos*, v. 10, n. 25, p. 159-176, 2021.
- REIS, F. Professores surdos: identificação ou modelo. *Estudos Surdos II. Petrópolis: Arara Azul*, p. 86-99, 2007.
- SÁ, N. R. L. *Educação de surdos: a caminho do bilinguismo*. Niterói: EdUFF, 1999.
- SANTOS, L. F.; GURGEL, T. M. A. *O instrutor surdo em uma escola inclusiva bilíngue*. *In: LODI, A.C.B; LACERDA, C.B.F. Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização / (organizadoras)*. Porto Alegre: Mediação, 2014.
- SAVIANI, D. XX – formação de professores. *In: Livro: Interlocuções Pedagógicas: Entrevista*. Entrevista ao Jornal das Ciências – USP de Ribeirão Preto em 2004. Editora Autores Associados, 2010.
- SILVA, M. O.; SANTOS, E. C. R.; VIEIRA JUNIOR, N. V. The protagonism of deaf person: Education as a means of social ascent. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 10, n. 5, p. e16810514832, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i5.14832. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14832>. Acesso em: 6 jul. 2021.
- SOUZA, F. A; OLIVEIRA, I.B. Sensibilidades educativas no processo de avaliação de aprendizagem no fórum de discussão da EaD. *Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia*. Ponta Grossa, v. 13, n. 2, p. 106-126, mai./ago. 2020. Acesso em 14 jul. 2021. Disponível em <https://url.gratis/ZDgRqC>
- SKLIAR, C. *A surdez: Um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Dimensão, 1998.
- TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. 3.ed. Trad. Francisco Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- THOMA, A. S.; LOPES, M. C. (Orgs.). *A invenção da surdez II: espaços etempos de aprendizagem na educação de surdos*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.
- VIEIRA-MACHADO, L. M. C.; MATTOS, L. C. *Na presença da outra, o encontro comigo: da história da educação de surdos à história de nossas vidas*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2019.

Submissão: 02/05/2023

Aceito: 17/07/202